

## **HUMOR E FACE: UMA ANÁLISE DO FILME *QUESTÃO DE HONRA***

*Krícia Helena Barreto\**  
*Sonia Bittencourt Silveira\*\**

### **RESUMO:**

Este trabalho objetiva analisar discursos humorísticos, irônicos e sarcásticos ao longo do filme “Questão de Honra” (1992). Baseando-se no modelo de trabalho de face proposto por Penman (1990), intenciona-se verificar como os valores sociais com os quais alguns personagens se (des)afiliam são influências diretas e essenciais para seus desejos de face e para seu consequente comportamento perante seu(s) interlocutor(es), influenciando, ainda, a escolha estratégica pelo uso do humor, da ironia e do sarcasmo na formulação de seus discursos.

**PALAVRAS CHAVE:** Humor; Face; Trabalho de face; (Des)Afiliação.

### **1 Introdução**

Este trabalho tem por objetivo analisar algumas falas do filme “Questão de Honra” (1992), de Rob Reiner, que contenham discursos jocosos, humorísticos, irônicos, sarcásticos, etc. Tais usos do humor serão justificados de acordo com os desejos de face do falante.

Para tal, contextualizaremos os personagens dentro de seus grupos sociais, com a história que os cercam, juntamente com os valores sociais aos quais eles se afiliam (ou se desafiliam). Dessa forma, veremos que, ao fazer parte de um determinado grupo, todo o

---

\* Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora, com ênfase na área de Linguagem e Sociedade, mais especificamente na temática sobre estudos de face, polidez e humor.

\*\* Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1998) com Pós-doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da PUC-SP. Professora Associada da Universidade Federal de Juiz de Fora.

discurso do personagem, bem como os trabalhos de face realizados por ele, são influenciados pelos valores sociais daquele grupo.

A seguir, apresentaremos as principais teorias de face, iniciando pelos conceitos chineses de *lien* e *mien-tzu* analisados por Hu em 1944, até sua reformulação para as noções de face como conhecemos no ocidente iniciadas pelo sociólogo Ervin Goffman em 1955, e algumas de suas repercussões mais recentes. Entre elas, serão apresentados dois estudos que relacionam o discurso humorístico com face: o de Haugh (2010), que focaliza seu trabalho nos discursos envolvendo gozações entre interlocutores, demonstrando como estas são demonstrações de posições afiliativas e/ou desafilativas dos falantes uns com os outros, bem como com as situações contextuais; e o de Boxer e Cortés-Conde (1997), que, a partir de discursos humorísticos em falas cotidianas, focam no desenvolvimento de identidades relacionais entre os participantes e como estas criam nos interlocutores um senso de pertencimento a um grupo.

Para a realização da análise das cenas escolhidas, será necessário revisitar brevemente o trabalho de Penman (1990) sobre os movimentos de trabalhos de face, de modo que os efeitos dos discursos dos personagens na sua relação uns com os outros possam ser mais bem observados. A partir daí, veremos como os valores sociais com os quais alguns personagens se (des)afiliam são influências diretas e essenciais para seus desejos de face e para seu consequente comportamento perante seu(s) interlocutor(es), influenciando, ainda, a escolha pelo uso do humor, da ironia, do sarcasmo, etc. na formulação de seus discursos.

## 2 O filme

O filme nos conta a história do tenente Daniel Kaffee, um advogado da marinha dos EUA com poucos anos de experiência, que lidera a defesa de dois fuzileiros navais: o soldado Loudon Downey e o cabo Harold Dawson, acusados de assassinar um companheiro de sua unidade (o soldado William Santiago), na Base Naval da Baía de Guantánamo, em Cuba.

Santiago não possuía boas relações com seus companheiros fuzileiros e não respeitou a hierarquia de sua unidade. Foi acima de seus superiores para negociar uma transferência em troca de delatar Dawson por ter disparado um tiro possivelmente ilegal para o lado cubano da ilha.

Quando Dawson e Downey posteriormente são presos pelo assassinato de Santiago, a investigadora e advogada da marinha, tenente-comandante Joanne Galloway, suspeita que eles estivessem realizando um "código vermelho": uma violenta punição extrajudicial, supostamente sob as ordens do coronel Jessep.

No decorrer do julgamento, descobre-se que códigos vermelhos ocorriam na Baía de Guantánamo como forma de impor disciplina.

Ao final do julgamento, Kaffee acusa o coronel Jessep, que admite, por fim, em um momento de indignação com os questionamentos do advogado, ter, de fato, ordenado o código vermelho. A confissão resulta na prisão de Jessep, e em um veredicto de inocência para Dawson e Downey pelas acusações de homicídio. No entanto, por causar a morte de Santiago, os dois fuzileiros são exonerados sem honras, devido ao que foi considerado pelo júri como sendo uma “conduta imprópria de um fuzileiro da marinha dos Estados Unidos”.<sup>1</sup>

Como mencionado anteriormente, os valores sociais do grupo influenciam os desejos de face dos indivíduos inseridos neste grupo e, conseqüentemente, seu discurso.

O personagem Daniel Kaffee nos é apresentado como sendo um *outsider* em relação aos outros fuzileiros da marinha:

- 1 **Ten. Galloway:** *(...) Você cursou Harvard e entrou para a marinha, provavelmente porque era o que seu pai queria. Agora, está matando o tempo durante os 3 anos obrigatórios até que possa sair e arrumar um emprego de verdade.*<sup>2</sup>

O advogado demonstra possuir os valores tipicamente americanos de individualismo, egocentrismo e liberdade, nos quais cada um deve sobreviver e aumentar seu status

---

<sup>1</sup> Baseado na sinopse do filme publicada no site <http://www.wikipedia.com/>

<sup>2</sup> Todas as falas foram retiradas da legenda oficial do filme.

na sociedade por mérito próprio, e cujo desejo de liberdade muitas vezes se confunde com o direito de “ir e vir”, como percebemos em sua insistência em fazer acordos com o advogado do governo para que seus clientes fiquem presos o mínimo de tempo possível:

- 2 **Ten. Kaffee:** *Muito bem, eis as notícias: o governo oferece homicídio culposo. Dois anos. Vocês saem em seis meses. (...)*
- 3 **Cabo Dawson:** *Não podemos fazer isso, senhor. (...) Não fizemos nada de errado. Fizemos o nosso dever e aceitaremos as consequências, mas não direi que sou culpado. (...) Nós temos um código.*
- 4 **Ten. Kaffee:** *Você e seu código! Alegue inocência, e vai morrer no xadrez. Se fizer o que eu digo, sairá em seis meses! Aceite, Harold! Seis meses! É uma temporada de bô-quei!*

Durante grande parte do filme, Kaffee não se afilia com os valores da marinha, por isso, ele é incapaz de entender várias atitudes e discursos dos fuzileiros navais.

Por outro lado, os membros da marinha vivem segundo valores muito bem estabelecidos para aquele grupo, tais como a hierarquia:

- 5 **Ten. Kendrick:** *(...) Posso cuidar desta situação.*
- 6 **Ten.-Cel. Markinson:** *Como cuidou de Curtis Bell?*
- 7 **Ten. Kendrick:** *[interrompendo] Senhor, naquele caso...*
- 8 **Ten.-Cel. Markinson:** *Não me interrompa! Ainda sou o seu superior!*
- 9 **Cel. Jessep:** *E eu sou o seu, Mattben. Eu quero saber o que vamos fazer.*

a lealdade:

- 10 **Cel. Jessep:** *(...) Esse garoto rompeu a hierarquia e dedurou um colega. (...)*

a autoridade:

- 11 **Ten. Kaffee:** *(...) Quando Kendrick disse para não tocarem em Santiago, seus homens podem tê-lo ignorado?*
- 12 **Cel. Jessep:** *Já serviu na infantaria, filho?*
- 13 **Ten. Kaffee:** *Não, senhor.*
- 14 **Cel. Jessep:** *Já serviu numa base avançada?*
- 15 **Ten. Kaffee:** *Não, senhor.*
- 16 **Cel. Jessep:** *Já pôs sua vida nas mãos de outro homem e lhe pediu que pusesse a dele nas suas?*
- 17 **Ten. Kaffee:** *Não, senhor.*

18 **Cel. Jessep:** *Nós cumprimos ordens, filho. Cumprimos ordens, ou pessoas morrem. É simples assim. (...)*

o código:

- 19 **Ten. Kaffee:** *(...) Atacou Santiago com o propósito de matá-lo?*  
 20 **Cabo Dawson:** *Não, senhor!*  
 21 **Ten. Kaffee:** *Com que propósito, então?*  
 22 **Cabo Dawson:** *Treiná-lo, senhor.*  
 23 **Ten. Kaffee:** *Para quê?*  
 24 **Cabo Dawson:** *Para pensar na unidade antes de si mesmo. E respeitar o código.*  
 25 **Ten. Kaffee:** *Que código?*  
 26 **Cabo Dawson:** *Unidade, tropa, Deus, pátria.*

a honra:

27 **Cabo Dawson:** *(...) Entramos para os fuzileiros por crermos num código, e o encontramos lá! Agora se quer que aleguemos não ter honra, está nos pedindo para que digamos que não somos fuzileiros! Se a corte decidir que erramos, aceitarei a punição! Mas acredito que agi certo, que fiz meu dever, e não vou desonrar a mim ou à tropa para poder voltar para casa em seis meses, senhor!*

e a cortesia:

- 28 **Ten. Kaffee:** *Vou precisar de uma cópia da ordem de transferência de Santiago. (...)*  
 29 **Cel. Jessep:** *O cabo o levará à administração antes de irem para o aeroporto e lá lhe darão todas as cópias de ordens que quiser. Mas precisa pedir com educação.*  
 30 **Ten. Kaffee:** *Perdão?*  
 31 **Cel. Jessep:** *Precisa pedir com educação. Sabe, Danny, eu posso aguentar as balas, as bombas e o sangue e não quero dinheiro nem medalhas. O que quero é que você, com seu uniforme branco de bichinba e com a sua boca de Harvard, use comigo a porra da cortesia! Precisa me pedir com educação!*  
 32 **Ten. Kaffee:** *Coronel Jessep, se não for pedir demais, quero uma cópia daquela ordem, senhor.*  
 33 **Cel. Jessep:** *Nenhum problema.*

Na cena final do tribunal, o coronel Jessep resume todo esse conflito entre os valores da sociedade americana e os valores assumidos pelos fuzileiros navais, presente ao longo de todo o filme:

- 34 **Cel. Jessep:** (...) Filho, o mundo tem muros que precisam de sentinelas armados. (...) Minha responsabilidade é maior do que vocês podem imaginar! (...) E minha existência, embora lhes pareça grotesca e inexplicável, salva vidas! (...) Nós usamos palavras como “honra”, “código”, “lealdade” como base de uma vida empenhada em defender algo! Você as usa em frases de efeito! Eu não tenho tempo nem disposição para me explicar para alguém que vive sob o manto da liberdade que eu proporciono e questiona a maneira pela qual eu proporciono! Eu preferia que você agradecesse e se retirasse! Senão, sugiro que pegue uma arma e fique de guarda! Seja como for, estou me lixando para os seus supostos “direitos”!

Como podemos observar pela citação acima, assim como Kaffee não se afilia com os valores da marinha, o coronel Jessep também não se afilia com os valores das sociedades ocidentais, recusando-se a seguir protocolos que o proibam de aplicar o “código vermelho”, bem como a seguir qualquer dever que venha da sociedade de fora da marinha.

### 3 Pressupostos Teóricos

#### 3.1 Face

Alguns dos valores sociais demonstrados pelos membros da marinha no filme, como a honra, o prestígio, a codependência uns dos outros dentro do grupo, nos remete ao conceito oriental de face estudado por Hu (1944).

As noções chinesas de *mien-tzu* e *lien* representam critérios através dos quais o prestígio é adquirido e o status é mantido. Hu (op. cit.) define *mien-tzu* como sendo a reputação alcançada através do sucesso ou da ostentação. É o prestígio acumulado por meio do esforço pessoal ou de manobras inteligentes. *Lien*, em contrapartida, é o respeito do grupo por um homem com a reputação de boa moral. Representa a confiança da sociedade na integridade do caráter moral do ego.

Fazendo um paralelo com o medo que os fuzileiros acusados tinham de perder sua honra, a perda da *lien* para o ego chinês acarreta grande humilhação, significa que a confiança da sociedade em seu caráter está comprometida, e o coloca em perigo de ser desprezado e isolado. E é justamente esse medo de perder a *lien* que mantém os valores

morais, a consciência dos limites morais do indivíduo. Para a cultura chinesa, não tocar no prestígio de uma pessoa é essencial.

A noção de face tem origem nesses conceitos chineses de *lien* e *mien-tzu*. Goffman (1980 [1955]) definiu face como sendo o “**valor social** positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico” (p. 76-77), sendo a linha o “padrão de atos verbais através dos quais o indivíduo expressa sua visão da situação e, através disso, sua avaliação dos participantes, especialmente de si mesma” (p. 76). Portanto, ao reivindicar face, reivindicamos **valores sociais**, sejam eles de prestígio, status, dignidade, honra etc.

A origem chinesa do conceito de face dá a ele uma noção de reciprocidade das obrigações sociais: “face nunca é algo puramente individual. Nos encontros sociais, as questões de face envolvem a responsabilidade de todos os participantes” (Ho, 1976, p. 883). Goffman (1956) afirma que face é um construto social, é apenas um empréstimo feito pela sociedade ao indivíduo: caso ele não se comporte de modo a merecê-la, sua face poderá ser-lhe retirada.

Dessa forma, Goffman (1956) realizou um estudo sobre as regras de conduta do indivíduo, que surgem como forma de obrigações, estabelecendo como ele é moralmente compelido a conduzir a si mesmo, e surgem, ainda, como expectativas, estabelecendo como os outros são moralmente obrigados a agir em relação a ele: “aquilo que é a obrigação de um homem normalmente será a expectativa de outro” (p. 473-474).

Ho (1976) estudou os processos de ganhar e perder face. Não é necessário lutar para se ganhar face, porém, a perda dela ocorre quando o indivíduo não atende de forma satisfatória às exigências que lhe são impostas devido à posição social que ocupa. Assim, perder face não representa meramente um fracasso em reivindicá-la, mas pode advir de uma quebra de expectativas em relação à atitude dos outros para com o indivíduo, ou seja, como ele é tratado pelos outros. A perda da face acarreta, portanto, a desmoralização do indivíduo perante a sociedade.

“Questões de face emergem não em processos privados de avaliação do self, mas nos encontros sociais em que as nossas avaliações pelos outros são percebidas como rele-

vantes para a manutenção das posições na sociedade” (Ho, op. cit., p. 875). Desse modo, o autor diferencia a noção de face dos valores sociais, tais como status (propriedades próprias que podem ser caracterizadas independentemente dos indivíduos que ocupam tais posições), dignidade (ter *lien* é um pré-requisito para se ter dignidade), honra (é um tipo especial de face reivindicada por grupos da elite da sociedade, mas não atinge a massa em geral), prestígio (é “a quantidade de respeito e confiança investidos no indivíduo pelo grupo” (p. 878), devido a sua competência, confiança, integridade de caráter e outras qualidades pessoais valorizadas, mas não implica poder).

Cabe ressaltar aqui a crítica de Haugh (2008) à impressão de que face é um atributo a priori de indivíduos que estão para ser ameaçados na interação e, por isso, devem acima de tudo ser protegidos. O autor afirma que face vai além da ameaça a autoimagem do indivíduo: ela pode envolver um cuidado com a posição de alguém dentro de uma rede de relações, ela pode ser associada tanto a grupos quanto a indivíduos, e face pode ser dada ou ganhada, assim como sacrificada, dentre outras coisas, e não simplesmente perdida ou salva.

### 3.2 Humor

Os desejos de face, os valores sociais e as noções de afiliação e/ou desafiação com o grupo, com os interlocutores e com os próprios valores daquele grupo, podem ser representados e/ou reivindicados através de discursos de humor, sarcasmo, ironia etc., com os mais diversos objetivos. Haugh (2010) assim enumerou as funções do humor: (1) estimular solidariedade interpessoal e do grupo (ou, mais amplamente, afiliação); (2) mitigar ameaças à face; (3) diminuir conflito; (4) reivindicar poder e socializar os outros; (5) expressar agressão ou impolidez diretamente; (6) reivindicar e/ou atribuir identidades.

Boxer e Cortés-Conde (1997) consideraram o recipiente e o objeto do humor como sendo parâmetros importantes na definição do discurso humorístico, o qual foi por elas dividido em três gêneros: (1) provocação; (2) humor sobre um outro ausente; (3) humor de autodepreciação. De acordo com essa definição, somente a provocação é capaz de incomodar ou ofender o outro, uma vez que é necessário que essa atividade seja dire-



cionada a um participante. Por outro lado, o humor e a autodepreciação podem criar um vínculo entre os participantes, sem ofender intencionalmente. É nessa ligação que a relacionalidade é desenvolvida.

Para as autoras, se o humor não é acompanhado pelas pistas apropriadas, ele pode de fato ofender. A intenção pode ser a de agressão velada. Na verdade, o humor é frequentemente usado como uma forma de ocasionar uma agressão não ameaçadora, quando é o caso de interlocutores íntimos entre si, ou ameaçadora, quando ocorre entre interlocutores cujos status são de desiguais, como uma forma de mostrar poder. De fato, Lim e Bowers (1991) verificaram que entre conhecidos (e não entre amigos), os falantes utilizam níveis mais baixos de solidariedade, aprovação e tato conforme seu poder sobre o outro aumenta, ou seja, a diferença de poder tende a influenciar os níveis de trabalho de face, como poderemos perceber na análise dos dados mais adiante.

Haugh (op. cit.), baseando-se em trabalhos recentes da análise da conversa, observou que através da realização interacional do humor os participantes podem indexar posturas afiliativas e/ou desafiativas em suas relações, como uma ação na interação. Dessa forma, o humor pode ser interpretado tanto como uma co-construção em conjunto de separação relacional (quando todos os interlocutores tomam uma posição não alinhada, desafiativa com o alvo do humor) quanto como uma co-construção em conjunto de conexão relacional.

Haugh (op. cit.) afirma a importância daquilo que está principalmente em jogo em uma interação humorística: avaliações coconstruídas da *relação* entre os participantes. Ele defende a reconceitualização de face como sendo um fenômeno fundamentalmente *relacional*. Boxer e Cortés-Conde (1997) também defendem que uma parte importante do humor em falas cotidianas é não somente a apresentação, mas também o desenvolvimento de uma identidade relacional entre os participantes.

As autoras, então, verificam que as funções mais importantes do humor no discurso podem ser: (1) a apresentação de identidade individual; e/ou (2) a negociação de uma identidade relacional com outros e *através* de outros. “Os participantes não apenas

mostram suas identidades, mas eles criam novas identidades baseadas em seus relacionamentos passados, presentes e futuros” (p. 282).

Haugh (op. cit.) percebe que o humor pode envolver combinações específicas de ameaça à face (como por exemplo, provocação ou agressão) e sustentação da face (bom relacionamento ou solidariedade) direcionadas a uma parte co-presente, incluindo o self. O autor nos remete ao trabalho de Brown e Levinson (1987) que, baseando-se no trabalho de Goffman, afirmaram que brincadeiras e provocações são orientadas para salvar a face positiva do ouvinte (o desejo de que as vontades de alguém sejam desejáveis, ao menos para alguns em particular, e o desejo de ter conhecimentos e valores prévios partilhados mutuamente), enquanto que ao mesmo tempo também ameaçam potencialmente a face negativa do ouvinte (o desejo de que as ações de alguém não sofram restrições de outros).

Porém, a análise do trabalho de face do discurso humorístico de outros ou do self ainda pode, por vezes, dar origem ao que Tannen (1986 *apud* HAUGH, 2010, p. 2011) chama de “paradoxo de poder e solidariedade”, pelo qual “um ataque verbal pode sinalizar solidariedade, porque ele implica uma relação na qual distância, respeito, e poder contam pouco”. Logo, podemos perceber que um modelo dualístico de face não acomoda situações nas quais uma ação particular, como o uso do humor, da ironia ou do sarcasmo, simultaneamente ameaça e sustenta a face.

#### 4 Análise dos dados

Penman (1990) fez uma reformulação do modelo dualístico de Brown e Levinson (1987 [1978]) — que realizaram a separação entre face positiva e face negativa, como visto acima — a partir de um contexto específico (um tribunal jurídico), visando explorar o problema da multiplicidade de metas. Levando em conta que trabalho de face é definido segundo Goffman (1972): “as ações realizadas por uma pessoa para tornar o que quer que esteja fazendo consistente com a face”, temos que trabalho de face em Penman é dirigido ao self e ao outro (e não somente ao outro, como nos é proposto por outros modelos). Penman mantém a divisão entre face positiva e face negativa, porém traz ao seu estudo a

dimensão respeito/desprezo proposta por Harré (1979). Com essa dimensão, a autora propõe um modelo que leve em conta a multifuncionalidade das elocuições dos atores, uma vez que mais de uma estratégia de trabalho de face pode ser expressa sequencialmente e/ou simultaneamente em uma mesma elocução.

Os efeitos das estratégias de trabalho de face, segundo a autora, podem ser classificados em quatro categorias, dependendo da sua diretividade ou indiretividade e do grau de respeito ou desrespeito:

- (1) mitigar/aumentar a face positiva e/ou negativa do self e/ou do outro: resultam de estratégias indicando RESPEITO;
- (2) proteger a face positiva e/ou negativa do self e/ou do outro: é realizado através de estratégias indiretas envolvendo certo grau de RESPEITO;
- (3) ameaçar a face positiva e/ou negativa do self e/ou do outro: é realizado de forma indireta indicando certo grau de DESPREZO;
- (4) agravar/depreciar a face positiva e/ou negativa do self e/ou do outro: realizados de forma direta indicando DESPREZO.

#### 4.1 Tenente Kaffee

Inicialmente, analisaremos duas cenas do filme. A primeira ocorre no minuto 0:11:50, e mostra o tenente Daniel Kaffee e seu companheiro, o tenente Sam Weinberg entrando na sala da tenente Joanne Galloway (que está ao telefone). Kaffee entra comendo uma maçã:

- |    |                       |  |
|----|-----------------------|--|
| 35 | <b>Ten. Kaffee:</b>   | Oi.  |
| 36 | <b>Ten. Galloway:</b> | [ao telefone]: Um momento. [para Daniel]: Oi.  |
| 37 | <b>Ten. Kaffee:</b>   | Sou Daniel Kaffee, mandaram-me ver...[abre uma folha de papel amassada] a ten. Galloway. (...) |
| 38 | <b>Ten. Galloway:</b> | Tenente, quando entrou para a marinha?   |
| 39 | <b>Ten. Kaffee:</b>   | Faz quase nove meses.  |
| 40 | <b>Ten. Galloway:</b> | E quando se formou?  |
| 41 | <b>Ten. Kaffee:</b>   | Há um ano e pouco.   |
| 42 | <b>Ten. Galloway:</b> | Entendo.   |
| 43 | <b>Ten. Kaffee:</b>   | Fiz algo errado?   |
| 44 | <b>Ten. Galloway:</b> | Não. É só que pedi que a divisão indicasse um advogado e pensei que me                         |

- levariam a sério.*
- 45 **Ten. Kaffee:** Não levei a mal, caso queira saber.
- 46 **Ten. Weinberg:** O ten. Kaffee é tido como o nosso melhor advogado. Conseguiu bons acordos em 44 casos em 9 meses.
- 47 **Ten. Kaffee:** Só mais um, e ganho um faqueiro.
- 48 **Ten. Galloway:** Já pôs o pé num tribunal?
- 49 **Ten. Kaffee:** Sim, por dirigir bêbado.
- 50 **Ten. Weinberg:** Danny...
- 51 **Ten. Kaffee:** Se aqueles dois forem julgados vão precisar é de um padre.
- 52 **Ten. Galloway:** Não, precisarão de um advogado. (...) Na base, você falará com o oficial comandante, Cel. Nathan Jessep. Já ouviu falar nele, não?
- 53 **Ten. Kaffee:** [hesitando e olhando para o ten. Weinberg]: E quem não ouviu?
- 54 **Ten. Weinberg:** [cochichando para Kaffee]: Ele tem aparecido nos jornais. Pode vir a assumir o Conselho de Segurança Nacional.
- 55 **Ten. Kaffee:** [no mesmo tom de cochicho]: Sério?
- 56 **Ten. Galloway:** Eis as cartas que Santiago escrevem em GITMO
- 57 **Ten. Weinberg:** [cochichando novamente]: "GITMO" é Guantánamo.
- 58 **Ten. Kaffee:** [para Weinberg]: Isso eu sabia.
- 59 **Ten. Kaffee:** [para a ten. Galloway]: E Santiago é quem mesmo?
- 60 **Ten. Galloway:** A vítima.
- 61 **Ten. Kaffee:** [para Weinberg]: Anote isso. (...)
- 62 **Ten. Kaffee:** [para a ten. Galloway]: E eu estou certo em pensar que investigar isso iria chatear o figurão dos jornais?
- 63 **Ten. Galloway:** O cel. Jessep...
- 64 **Ten. Kaffee:** 12 anos.
- 65 **Ten. Galloway:** Perdão?
- 66 **Ten. Kaffee:** Vou negociar com a acusação. Pagarão só 12 anos.
- 67 **Ten. Galloway:** Você nem olhou para os papéis!
- 68 **Ten. Kaffee:** Impressionante, não?
- 69 **Ten. Galloway:** Terá de ir mais fundo. (...)
- 70 **Ten. Kaffee:** Tudo bem. [levanta-se para sair]
- 71 **Ten. Galloway:** Está dispensado.
- 72 **Ten. Kaffee:** Sempre esqueço dessa parte. [Sai]
- 73 **Ten. Weinberg:** Ele está preocupado. O time dele joga semana que vem.

Logo na entrada, Kaffee não demonstra uma postura de respeito com o ambiente institucional: ele entra comendo uma maçã, ele pega uma folha de papel amassada para lembrar o nome da tenente com quem ele deve conversar (fala 37, acima). Dessa forma, sua falta de seriedade *representada por sua postura* implica uma não conexão, uma desafiliação com o serviço que lhe é designado (Haugh, 2010). Como consequência, na fala 44, sua superior expõe essa falta de seriedade, esse não cumprimento da postura requerida para esse tipo de encontro social.

Porém, mesmo depois de ser exposto pela tenente Galloway como sendo aparentemente (através de suas atitudes) inadequado para a posição, Kaffee ainda não se defende (fala 45), demonstrando, mais uma vez, a sua não ligação com a situação, e parecendo não se importar em reivindicar a *face da competência*<sup>3</sup> nesse momento. É necessário que seu companheiro, o tenente Weinberg, na fala 46, defenda a competência de Kaffee.

As respostas das falas 47 e 49 representam o que Boxer e Cortés-Conde (1997) chamaram de *humor de autodepreciação*. As autoras afirmaram que, na grande maioria dos casos, esse tipo de humor tem efeito sobre face positiva do self:

anedotas pessoais engraçadas acabam por apresentar uma imagem do self positiva mais do que uma negativa. (...) Elas transmitem um suposto senso de humor, que conta como uma virtude em nossa sociedade. Elas apresentam um self com uma habilidade de rir dos problemas e superá-los — novamente, um traço de caráter admirável (Norrick, 1993 apud BOXER E CORTÉS-CONDE, op. cit., p. 281).

Porém, no caso do tenente Kaffee, neste contexto institucional, este não parece ser o caso. A formalidade desse primeiro encontro entre os comandantes e a tenente para tratar do serviço de advocacia não abre espaço para a autodepreciação, especialmente da face da competência. Nesse caso, é mais apropriado dizer que tal humor representa, como afirmam Boxer e Cortés-Conde (op. cit.), uma apresentação da identidade do falante, que como visto acima, apresenta-se como alguém que não leva o seu ofício a sério.

Na fala 51, verificamos o uso do humor que demonstra a descrença de Kaffee naqueles que viriam a ser seus clientes, uma razão, talvez, pela qual Kaffee não se importe em reivindicar a face da competência nesse momento.

Mais abaixo, nas falas 55, 58, 59 e 61, o tenente brinca com sua falta de conhecimento sobre autoridades da marinha e sobre o seu próprio caso investigativo (humor de

---

<sup>3</sup> Para Lim e Bowers (op. cit.), as estratégias de polidez positivas atendem a dois desejos humanos: o *desejo de inclusão*, que corresponde à “face da camaradagem” e envolve desejos de aceitação e pertencimento ao grupo; e o *desejo de aprovação*, que corresponde à “face da competência”, à necessidade de ter suas habilidades reconhecidas e respeitadas.

autodepreciação). Já na fala 62, Kaffee ironiza com a figura da autoridade, chamando-o de “figurão dos jornais”, em vez de referir-se ao coronel Jessep pelo título, demonstrando uma não conexão com a noção de hierarquia.

Na fala 68, temos uma brincadeira com a sua rapidez em “resolver” o caso. Mais uma vez, há a demonstração da sua descrença no caso, e a falta de seriedade na solução do mesmo: ele não precisou analisar os detalhes do caso para resolvê-lo.

Ao esquecer-se de esperar até que a tenente lhe dê a permissão de dispensa, na fala 72, Kaffee ironiza com a sua falta de respeito à hierarquia. E, por fim, na fala 73, o tenente Weinberg brinca com a falta de profissionalismo de Kaffee, implicando que sua preocupação não é com o trabalho, mas com seu time de baseball.

Usando como base o modelo de Penman visto acima, podemos perceber que nesta cena houve a ameaça à face positiva do self perante a tenente Galloway, primordialmente, ameaça à face da competência do próprio self através do discurso de humor de autodepreciação. Talvez, o humor possa ter sido usado como forma de proteger a face negativa do self: ao demonstrar que o outro não deve criar expectativas para com a sua competência neste trabalho, ele se distancia de suas obrigações e reduz sua necessidade de possuir grandes responsabilidades.

Da segunda cena, abaixo, retiramos apenas um pequeno trecho que ilustra o uso do humor como forma de demonstrar a desafiliação de Kaffee com as noções de hierarquia e autoridade difundidas entre os fuzileiros navais (falas 78 e 82). Nesta cena, que ocorre no minuto 0:25:25, o tenente e advogado de defesa Kaffee e seu companheiro, o tenente Weinberg, reúnem-se com o cabo Dawson e o soldado Downey (seus clientes):

- 74 **Ten. Kaffee:** *Sou Daniel Kaffee, este é Sam Weinberg. Sentem-se. [para Dawson]: É sua assinatura?*
- 75 **Cabo Dawson:** *Sim, senhor!*
- 76 **Ten. Kaffee:** *Dispensou o “senhor”. [para Downey]: É a sua?*
- 77 **Soldado Downey:** *Senhor, sim, senhor!*
- 78 **Ten. Kaffee:** *Tente ao menos dizer só uma vez. O que é “código vermelho”?*
- 79 **Cabo Dawson:** *(...) Se um fuzileiro sai da linha, os colegas põem ele no lugar.*
- 80 **Ten. Kaffee:** *Como fazem isso?*

- 81 **Cabo Dawson:** *Senhor?*  
 82 **Ten. Kaffee:** *Quando diz "senhor", penso que meu pai está aqui atrás! Danny, Daniel, Kaffee...*

Nesse caso, devido aos valores sociais nos quais Kaffee acredita, sua intenção é a de criar aproximação com seus clientes, uma tentativa de gerar solidariedade. Porém, para o cabo e para o soldado, a atitude do tenente Kaffee é ameaçadora ao seu desejo de face negativa: na noção de hierarquia na qual acreditam, não deve haver aproximação de um superior com seus subordinados; o status, a hierarquia e o respeito à autoridade devem ser mantidos a todo o momento.

#### 4.2 Coronel Jessep

A cena analisada a seguir pode ser vista no minuto 0:16:30 do filme, em que o coronel Jessep, o coronel Markinson e o tenente Kendrick conversam sobre a carta do soldado Santiago, na qual ele pede para ser transferido da base em troca de fornecer informações sobre seus companheiros:

- 83 **Cel. Jessep:** *Quem é esse porra desse soldado William T. Santiago?*  
 84 **Ten. Kendrick:** *Ele faz parte do Segundo Pelotão Bravo, senhor.*  
 85 **Cel. Jessep:** *Bem, parece que ele não está feliz aqui em Shangri-lá porque só faltou escrever para o Papai Noel pedindo transferência! E agora está fofocando sobre incidentes na fronteira. (...)*  
 86 **Cel. Markinson:** *Acho que Santiago deve ser transferido já.*  
 87 **Cel. Jessep:** *Ele é tão ruim assim?*  
 88 **Cel. Markinson:** *Não só isso, mas quando souberem desta carta ele vai apanhar feio.*  
 89 **Cel. Jessep:** *Transferir Santiago. Sim, você está certo. É o que devemos fazer. Espere, tenho uma ideia melhor. Vamos transferir todo o esquadrão! Pensando melhor, vamos transferir toda a Divisão de Barvalendo daqui! [para Kendrick]: Jon, vá dizer aos rapazes para saírem da cerca e fazerem as malas. [para o soldado vigiando a porta]: Tom!*  
 90 **Soldado Tom:** *Senhor.*  
 91 **Cel. Jessep:** *Ligue para o presidente. Vamos entregar nossa posição em Cuba.*  
 92 **Soldado Tom:** *Sim, senhor.*  
 93 **Cel. Jessep:** *Espere, Tom. Não ligue para o presidente ainda. Talvez devamos pensar um pouco no assunto. Está dispensado, Tom.*  
 94 **Soldado Tom:** *Sim, senhor. [sai]*  
 95 **Cel. Jessep:** *Talvez, e agora estou só tergiversando, nossa responsabilidade, como oficiais, seja treinar Santiago. Talvez nossa responsabilidade com esta nação, como*

*oficiais, seja fornecer, para cuidar da sua segurança, profissionais bem-treinados. Sim, tenho certeza de que já li isso em algum lugar. E agora estou pensando, Cel. Markinson, que a sua sugestão de transferir Santiago, embora prática e, certamente indolor, talvez não seja, por assim dizer, muito americana. Santiago fica onde está. Vamos treinar o rapazola. (...)*

Como apontado por Ho (1976), o prestígio é afetado pelo comportamento do outro apenas quando há implicação tácita de que a pessoa deva ser, de algum modo, responsabilizada. Na cena em questão, os coronéis, por possuírem um status mais elevado na hierarquia, sabem que, por terem a responsabilidade por tudo o que ocorre com seus subordinados, devem resolver o problema do soldado Santiago, caso contrário, o prestígio deles será severamente afetado.

Logo no início da cena, na fala 85, o coronel Jessep ironiza a atitude do soldado Santiago de modo a desmerecê-la. Da mesma forma, na fala 89 ele ironiza a ideia dada pelo coronel Markinson, exagerando-a, levando-a a proporções absurdas (em vez de transferir apenas um soldado, eles poderiam transferir toda a divisão, ou até mesmo, entregar suas posições em Cuba). Assim, Jessep diminui Markinson em seu discurso, e afirma sua autoridade, reforçando a noção de hierarquia. Tal noção ainda é marcada nessa cena pelo soldado Tom (nas falas 90, 92 e 94), que segue as ordens de Jessep sem questioná-las, por mais absurdas que tais ordens possam parecer.

Na última fala, a ironia do coronel está presente nos modalizadores “talvez”, e na sentença: “sim, tenho certeza de que já li isso em algum lugar”. Na realidade, o coronel não está em dúvida sobre suas convicções, e nem pensa que elas sejam relativas, ele apenas faz o uso de tais construções para ridicularizar ainda mais o coronel Markinson.

Fazendo uso do modelo de Penman, podemos perceber que a ironia é usada pelo coronel Jessep com o intuito de depreciar a face positiva do seu subordinado (o coronel Markinson). É uma agressão direta. Ele ridiculariza a opinião do coronel Markinson, deixando claro o valor da hierarquia e da obediência à autoridade. Tal trabalho de face ainda implica que Markinson não se vincula aos valores reais de responsabilidade que eles possuem. O coronel Jessep, ao depreciar a face positiva de Markinson, sugere que ele procura resolver os problemas de sua unidade de acordo com o que lhe parece mais fácil, e não



o que seria correto: “(...) a sua sugestão de transferir Santiago, embora prática e, certamente indolor, talvez não seja, por assim dizer, muito americana” (fala 95).

### 4.3 Cena do almoço

A última cena que será analisada neste trabalho, ocorreu no minuto 0:40:16 do filme, e apresenta uma conversa, durante o almoço, dos tenentes Daniel Kaffee, Joanne Galloway e Sam Weinberg com o coronel Jessep na Baía de Guantánamo, Cuba. Eles conversam sobre a morte de Santiago, sua transferência da base e a suposta aplicação do “código vermelho”:

- 96 **Ten. Galloway:** *Espera, tenho perguntas a fazer.*
- 97 **Ten. Kaffee:** *Não tem.*
- 98 **Ten. Galloway:** *Tenho, sim.*
- 99 **Ten. Kaffee:** *Não, não tem.*
- 100 **Ten. Galloway:** *[para Jessep]: Na noite em que Santiago morreu, o senhor falou com o Dr. Stone?*
- 101 **Cel. Jessep:** *Claro que falei com ele. Um de meus homens tinha morrido.*
- 102 **Ten. Kaffee:** *Viu? O homem morreu. Vamos.*
- 103 **Ten. Galloway:** *Quero saber se conhece o termo “código vermelho”.*
- 104 **Cel. Jessep:** *Conheço o termo.*
- 105 **Ten. Galloway:** *Em fevereiro, o comandante da frota mandou-lhe um memorando avisando para não deixar os soldados punirem uns aos outros.*
- 106 **Cel. Jessep:** *Informo-a que quem escreveu esse memorando nunca olhou um rifle AK-47, fabricado na URSS, canso adentro. Entretanto, como eram ordens superiores, eu dei a elas a devida atenção. Onde quer chegar, Jo?*
- 107 **Ten. Kaffee:** *Em lugar nenhum. Faz isso o tempo todo, é charminho. Vamos embora, obrigado.*
- 108 **Ten. Galloway:** *É que eu acho que ainda se usa o “código vermelho” aqui. Ainda o usam nesta base?*
- 109 **Ten. Kaffee:** *Ele não precisa responder isso.*
- 110 **Ten. Galloway:** *Sim, precisa.*
- 111 **Ten. Kaffee:** *Não, não precisa mesmo.*
- 112 **Ten. Galloway:** *Sim, precisa mesmo. [pausa]: Coronel?*
- 113 **Cel. Jessep:** *Só agora me dei conta. Ela é sua superior, Danny.*
- 114 **Ten. Kaffee:** *Sim, senhor.*
- 115 **Cel. Jessep:** *Vou lhe contar algo, e preste atenção pois falo sério. Você é o cara mais sortudo do mundo. Não há nada mais sexy neste mundo, acreditem cavalheiros, do que ter de bater continência para uma garota de manã. Promovam-nas, é o que eu digo, pois isto é verdade. Se ainda não foi chupado por sua oficial superior, você está perdendo a melhor coisa do mundo.*
- 116 **Ten. Galloway:** *Tolera-se o “código vermelho” nesta base, certo?*

- 117 **Cel. Jessep:** *Porém, como sou coronel, terei de continuar tomando duchas frias até que alguma dona seja eleita presidente.*
- 118 **Ten. Galloway:** *Preciso de uma resposta!*
- 119 **Cel. Jessep:** *Cuidado com o tom de voz. Sou um cara legal, mas este calor fodido está me deixando louco. Minha posição sobre o “código vermelho”, oficialmente é desencorajar a prática, como quer o alto comando. Extraoficialmente, acho que é valioso para o treinamento e, se acontece sem que eu saiba, deixemos que aconteça. Eu sei como dirigir minha unidade. Se quer investigar, o risco é seu. Eu vivo a 250m de 4mil cubanos treinados para me matar, então não pensem nem por um segundo que podem vir aqui, mostrar um distintivo e me deixar nervoso. [para a ten. Galloway]: Vamos.*
- 120 **Ten. Kaffee:**

Boxer e Cortés-Conde (1997) verificaram que mulheres e homens parecem empregar estratégias diferentes para injetar humor, ironia, sarcasmo, provocação, etc. em uma conversa. As autoras apresentaram dados nos quais havia diferenças claras entre a propensão de os homens utilizarem desafios verbais, grosserias e narrativas (Maltz e Berker, 1982; Tannen, 1990 apud BOXER E CORTÉS-CONDE, op. cit.) e as tentativas de as mulheres estabelecerem simetria.

Na cena acima, o coronel Jessep ironiza e provoca a tenente Galloway (falas 115 e 117) por ela ser mulher e estar em uma patente superior a do tenente Kaffee, com o intuito de desmoralizá-la e afirmar sua superioridade. A ironia é utilizada para realizar um trabalho de depreciação da face da tenente Galloway. A agressão em forma de ironia pode ser vista, ainda, como uma maneira de o coronel tentar evitar falar sobre um assunto do qual não deseja tratar (a aplicação do “código vermelho” em sua unidade).

Galloway, por sua vez, como pode ser verificado nas falas 116 e 118, não responde aos insultos do coronel e mantém sua posição na tentativa de proteger sua face positiva, reivindicando a face da competência para conseguir adquirir respeito naquele grupo e para se fazer ouvida. Seu objetivo de fazer com que Jessep respondesse à sua pergunta foi atingido, por fim.

“De acordo com Van Dijk (1988), o discurso cria e transmite representações sociais e normas sociais. Ele afirma que a resistência ao poder também pode ser discursiva.” (Boxer e Cortés-Conde, op. cit., p. 292).

## 5 Considerações finais

As análises realizadas neste trabalho demonstraram como a afiliação e/ou desafiliação do indivíduo com determinados valores sociais dos grupos nos quais ele se insere influenciam seu discurso, seus desejos de face e a realização de trabalhos de face.

O conflito principal mostrado pelos personagens do filme deu-se justamente devido à divergência de valores culturais, ao encontro de indivíduos com diferentes posições afiliativas e desafiliativas em relação a valores como honra, status, prestígio, hierarquia, autoridade, cortesia etc.

O uso do humor, da ironia e do sarcasmo surge como sendo uma estratégia que poderia vir a amenizar os conflitos e vincular os interlocutores em suas posições. Porém, tal uso nas falas do filme analisadas aqui foi realizado como estratégia para apresentação da identidade do self, da sua relação com os interlocutores e da sua (des)afiliação com os valores do grupo no qual estavam inseridos. Além disso, o humor também foi usado para demonstrar poder, autoridade, realizar trabalhos de face que agravassem a face do outro, sendo, muitas vezes, usado como forma direta de agressão.

“Seguir regras morais pode ser uma decisão pessoal, mas o que transforma o indivíduo em um ser humano são as exigências estabelecidas pela organização ritual dos encontros sociais” (Goffman, 1955 [1980], p. 107). As pessoas, os grupos e as sociedades variam na forma como o conjunto de padrões dos elementos da natureza humana é fixado, e estes são combinados de maneiras específicas na forma com que lidamos com questões relativas a orgulho, honra, submissão a regras, etc.

### HUMOR AND FACE: AN ANALYSIS OF THE MOTIVE “A FEW GOOD MEN”

#### **ABSTRACT:**

This work aims to analyze humorous, ironic and sarcastic discourses throughout the movie “A Few Good Men” (1992). Drawing upon Penman’s (1990) facework model, we intend to see how the social values with which some characters (dis)affiliate themselves are direct and essential influences to their face wants and to their consequent behavior before their interlocutors, also influencing their strategic choice for using humor, irony and sarcasm when formulating their speeches.

**KEYWORDS:** Humor; Face; Facework; (Dis)Affiliation.

## REFERÊNCIAS

- BOXER, Diana; CORTÉS-CONDE, Florencia. From bonding to biting: Conversational joking and identity display. *Journal of Pragmatics*, vol. 27, 1997, p. 275-294.
- BROWN, David; REINER, Rob; SCHEINMAN, Andrew. *A Few Good Men* (Questão de Honra). Produção de David Brown, Rob Reiner e Andrew Scheinman, direção de Rob Reiner. Columbia Pictures Industries, Inc. e Castle Rock Entertainment, 1992. DVD, 138 min. color. son.
- GOFFMAN, Erving. The Nature of Deference and Demeanor. *American Anthropologist*, n. 58, 1956, p. 473-502.
- GOFFMAN, Erving. A Elaboração da Face: uma análise dos elementos rituais da interação social. In: FIGUEIRA, S. (Org.). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980, p. 76-114.
- HAUGH, Michael. Face and Interaction. In: BARGIELLA-CHIAPPINI, Francesca; HAUGH, Michael. *Face, Communication and Social Interaction*. London, Oakville: Equinox, 2008, p. 1-30.
- HAUGH, Michael. Jocular Mockery, (dis)affiliation, and face. *Journal of Pragmatics*, vol. 42, 2010, p. 2106-2119.
- HO, David. On the concept of face. *The American Journal of Sociology*, vol. 8, n. 4, jan, 1976, p. 867-884.
- HU, Hsien Chin. The Chinese Concepts of "Face". *American Anthropologist: New Series*, vol. 46, n. 1, part 1, jan-mar, 1944, p. 45-46.
- LIM, Tae-Seop; BOWERS, John Waite. Facework: Solidarity, Approbation and Tact. *Human Communication Research*, vol. 17, n. 13, 1991, p. 415-450.
- NORRICK, Neal R. *Conversational joking: Humor in everyday talk*. Bloomington, IN: Indiana University press, 1993.
- PENMAN, Robyn. Facework and Politeness: multiple goals in courtroom discourse. *Journal of Language and Social Psychology*, vol. 9, 1990, p. 15-24.
- TANNEN, Deborah. *That's Not What I Meant!* Morrow, New York, 1986.

Recebido em 15/10/2012.  
Aprovado em 30/11/2012.